

Discurso do Reitor no Dia da Universidade 30 de Abril de 2018

Os discursos do Dia da Universidade são sobre o estado da universidade, mas não só. Devem servir também para um exercício de leitura dos sinais dos tempos e, assim, ajustar a universidade às mudanças que ocorrem na sociedade e no mundo. Dividirei, então, este discurso em duas partes. Na primeira parte, falarei sobre o estado da UBêl e, na segunda parte, sobre fenómenos e eventos que rompem o quotidiano e nos avisam de que algo mais profundo, quais desapercibidas movimentações tectónicas, pode estar a acontecer sob os nossos pés.¹

No dia 20 de Abril, há 10 dias, o Conselho Geral da Universidade reuniu e aprovou o Relatório de Actividades e Contas de 2017. O Relatório é um extenso documento de quase duzentas páginas e oferece um retrato minucioso e exacto da universidade. Está disponível online e convido todos a consultá-lo como forma de conhecer a UBêl mais aprofundadamente.

¹ Permitam-mo um breve esclarecimento. De ora em diante tentarei, como já venho ensaiando há algum tempo, dizer sempre U.Bê.l, soletrando as letras iniciais de Universidade da Beira Interior, em vez de dizer ubi. A razão é simples. A internacionalização da UBêl aconselha-nos a identificar a universidade de uma forma mais entendível a estrangeiros, mesmo aos que conosco partilham o português como língua materna. É muito mais fácil para os nossos irmãos brasileiros e africanos entenderem Ubêl do que ubi. E o mesmo se diga para falantes do castelhano, de Espanha como da América Latina. Em inglês já soletramos as iniciais, dizemos U.B.I. (Y.Bi.Ai) e não ubi. É uma forma também de uniformizar designações da mesma identidade. Isto à semelhança do que acontece com a designação do Massachusetts Institute of Technology. Ninguém diz “mit”, mas sim as iniciais em inglês, M.I.T. Façamos nós também o mesmo. Continuemos a falar de nós como ubianos, mas digamos Ubêl e desse modo criemos uma marca clara e acutilante da nossa identidade ubiana.

Passados 32 anos desde a passagem do IUBI a universidade, a UBêl apresenta-se como uma universidade sólida, determinada, consciente de si, amadurecida pelo seu percurso e orgulhosa do que entretanto alcançou. Mais sólida pela capacidade de atracção de novos alunos e pelo maior sucesso no combate ao abandono escolar. O aumento de 3,5 % no número de alunos, de 7014 para 7262, ao longo do ano civil de 2017, é significativo e deve-se a esses dois factores, que se interligam. Quanto maior o sucesso dos alunos que frequentam a universidade maior a atracção desta sobre os candidatos ao ensino superior. Mas também mais sólida por fazer melhor graças à optimização de recursos. O número de alunos aumentou tendo o número de docentes ETIs na UBêl ficado igualado ao de 2016, a saber, 447 docentes. Mais sólida por ser uma universidade bem equilibrada em que todas as faculdades viram o seu número de alunos aumentado. Mais sólida por uma parte importante dos novos alunos serem alunos internacionais e estrangeiros que, ano após ano, aumentam a sua percentagem no corpo discente da universidade, sendo já de 15% e, assim, nos dão confiança para fazer face ao decréscimo de 30% na juventude portuguesa de 18 anos de idade até 2030.

Todos estes indicadores são sinais de força para enfrentar os desafios de muita ordem que se colocam a qualquer instituição nos nossos dias, nomeadamente a globalização do nosso mundo e a digitalização da vida contemporânea. Os desafios são ameaças ou oportunidades e a alternativa decide-se pela capacidade, organização e determinação das diferentes instituições.

Não deixando de privilegiar o ser mais que o parecer, creio que a UBêl tem melhorado a sua imagem, tanto internacionalmente, surgindo em diversos

rankings, nomeadamente nos do *Times Higher Education*, como nacionalmente, surgindo cada vez mais em notícias nos diferentes órgãos de comunicação. A melhoria da imagem está também associada a uma maior profundidade da identidade da UBêl. Estudantes, funcionários e professores assumem com crescente orgulho a sua pertença à UBêl e isso é um elemento charneira na percepção positiva que externamente se faz da nossa universidade.

É justamente no enquadramento da solidez e da confiança no futuro da UBêl que quero sublinhar em 2017 o agudizar do subfinanciamento da universidade em sede de Orçamento de Estado. Este Relatório de Actividades e Contas é a melhor justificação *a posteriori* para a decisão tomada em Agosto de 2017 de não submeter na plataforma da DGO uma proposta de orçamento para 2018. Havia uma impossibilidade de acertar despesas e receitas e, portanto, de fechar a submissão. Verificamos que relativamente a 2017 houve necessidade de recorrer a 617 mil euros dos saldos de gerência anteriores para fechar o ano. O esforço financeiro da UBêl em receitas próprias para cobrir as despesas de pessoal subiu de 5.131 milhares de euros para 5.548 milhares. As reposições salariais, que obviamente saúdo em si, não foram cobertas integralmente por transferências do OE como foi contratualizado com o Governo em Julho de 2016. Longe disso. Há uma tendência por parte do Ministério das Finanças para que as reposições salariais sejam feitas com recurso substancial aos saldos das universidades, obviamente daquelas que os têm. Daí que, havendo uma discriminação histórica no financiamento da UBêl, a exigência de aumentar o esforço financeiro próprio para repor salários não só reflete uma injustiça como é também uma iniquidade.

Devo chamar a atenção para o facto de o Relatório de Contas conter uma provisão de cerca de dois milhões de euros para fazer face ao descongelamento de carreiras despoletado pelo Orçamento de Estado. O que muito lamento é que ainda não haja directizes claras por parte da tutela e do Ministério das Finanças sobre como é que esse descongelamento se processará. Com efeito, há três cenários em cima da mesa, tendo nós prudencialmente provisionado o montante mais elevado. De facto, ainda não se procedeu ao pagamento de nenhum reposicionamento pela simples razão de não ter saído a necessária portaria conjunta dos Ministérios do Ensino Superior e das Finanças.

Não obstante as dificuldades orçamentais, soubemos crescer, e crescer bem, e, com isso, tornámo-nos ainda mais resilientes.

Nos dias 26 e 27 de Abril, 5ª e 6ª feira da semana passada, teve lugar a avaliação institucional da universidade por parte da A3ES, Agência de Acreditação e Avaliação do Ensino Superior. Foi um momento importante, desde logo pelos trabalhos prévios necessários, em particular a elaboração e submissão do Relatório de Autoavaliação e a mobilização de toda a comunidade académica para os sucessivos encontros com a CAE – Comissão de Avaliação Externa. As avaliações externas são sempre uma oportunidade de ouro para reflectirmos nós próprios sobre aquilo que no dia a dia fazemos, frequentemente de forma rotineira, e de confrontarmos a nossa visão com outras visões, feitas de fora, de outro ângulo, e normalmente mais objectivas. Agradeço a todos os docentes, funcionários e alunos, que de um ou outro modo estiveram envolvidos. Mas uma palavra especial de apreço e de agradecimento é devido ao Gabinete de Qualidade, e muito concretamente às Professoras Isabel Cunha e Ana Catarina Carapito, que

enquanto Pro-Reitoras à frente do mesmo, fizeram um trabalho deveras extraordinário. Não quero deixar passar a oportunidade de, nesta ocasião, dar uma palavra de louvor à Prof. Amélia Augusto que no mandato reitoral do Prof. João Queiroz tão bem lançou o ergueu o Gabinete de Qualidade. Hoje colhemos os frutos que então semeou.

Penso que a partir do Relatório feito para esta avaliação podemos e devemos fazer um livro que registre para a posteridade o que a universidade é hoje.

Os resultados da avaliação ser-nos-ão comunicados em devido tempo num relatório final e que, à semelhança dos relatórios de avaliação dos cursos pela A3ES também colocaremos online para consulta de toda a comunidade. Contudo, inferindo da conversa final que a CAE teve com o Reitor e o Presidente do Conselho Geral, creio poder dizer que foi uma avaliação muito positiva e, é com muita confiança que aguardo o relatório preliminar.

De referir ainda neste ponto é a auditoria ordinária que o Tribunal de Contas começou a fazer à universidade em finais de 2016 e se estendeu pela primeira metade 2017. Aguardamos ainda o envio do relatório prévio. Tenho a certeza de que a autoria nos ajudará a colmatar lacunas nos nossos procedimentos, e sem enjeitar de algum modo ao nosso direito de pronúncia, quero desde já afirmar o meu propósito de acatar as críticas e sugestões nele contidas, e de melhorar correspondentemente em organização e processos.

2- Desde que tomei posse como reitor em Setembro de 2013 tenho chamado continuamente a atenção para o Inverno demográfico que assola Portugal e de como a baixíssima natalidade da população portuguesa é a maior ameaça às instituições de ensino do interior do país. Não se trata apenas de perder população, mas sobretudo da forma como se perde, sendo as taxas de envelhecimento bastante superiores às da diminuição global da população. Ou seja, a perda de população será cada vez maior. Já sabemos que em 2030 haverá menos 30% de jovens de 18 anos do que agora e que essa diminuição percentual se agravará mais no número de candidatos nacionais ao ensino superior nas universidades e politécnicos do arco do Interior. Com efeito, não se prevê que a diminuição se faça sentir com essa acuidade nas instituições de Lisboa ou do Porto, pelo que em vez de uma diminuição de 30% teremos nas instituições do interior uma diminuição de candidatos nacionais certamente superior a 50%. Sendo a nossa ambição aumentar para 8.000 alunos a população estudantil da UBêl até 2021, a aposta na captação de alunos estrangeiros tem de ser continuada e reforçada.

Mas, ao mesmo tempo que assumimos o desafio de fazer uma universidade do mundo e para o mundo, há uma nova realidade que, embora ainda despercebida a muitos dos nossos conterrâneos, vem tendo lugar na nossa região. Refiro-me à vinda de casais jovens estrangeiros dos países do centro e norte da Europa para os concelhos limítrofes da Beira Baixa, em particular para os concelhos de Idanha a Nova, Penamacor e Fundão. Não são estrangeiros idosos que aqui vêm gozar as suas reformas, num país seguro e numa região com elevados padrões de qualidade de vida, mas sim jovens casais com filhos. O que procuram é fundamentalmente um pedaço de terra

a que possam chamar seu e onde possam criar os filhos em contacto com a natureza.

Em 16 de Julho de 2012 o jornal Público fazia uma reportagem de duas páginas sobre o envelhecimento em Penamacor o concelho mais idoso do país: 600 idosos para 100 jovens. A Bemposta, a freguesia mais pequena, tinha 120 habitantes e apenas uma criança, chamada Martim, a qual dava origem ao título da reportagem “A Aldeia de Martim está condenada”. Ora desde então um milagre aconteceu. Pelas diferentes aldeias do concelho começaram desde há dois anos a aparecer jovens casais estrangeiros a comprar pequenos terrenos fora das povoações e a estabelecer-se aí. Em Setembro do ano passado abriu a Escola Internacional de Penamacor, frequentada hoje por cerca de 20 crianças, inglesas, alemãs, portuguesas, italianas, entre outras nacionalidades. É uma escola de ensino alternativo, inspirando-se no espírito, nas teorias e experiências de Rudolf Steiner, Maria Montessori, Krishnamurti, Sudbury e Summers Hill.

Depois de décadas em que por todo o país encerraram milhares de escolas, em que na maior parte das nossas aldeias os edifícios escolares outrora tão buliçosos se encontram agora vazios, é de saudar a abertura de uma nova escola, sobretudo quando representa um mundo novo, quando constitui uma esperança de vida para aldeias e vilas de população extremamente idosa. Não deixa de ser tão extraordinário quão simbólico que o edifício erguido no início da década de sessenta do século passado para ministrar o ensino médio, o Externato de Nossa Senhora do Incenso de Penamacor, e fechado há mais de duas dezenas de anos, reabra agora como Escola Internacional. Claramente não se trata de voltar ao passado, mas de um novo começo, radicalmente diferente do que acontecia até aqui.

Recentemente o primeiro-ministro de Portugal referiu que a luta contra o envelhecimento terá de ser feita com recurso à imigração, a jovens estrangeiros que queiram estabelecer-se no nosso país e aqui realizar o seu projecto de vida. Estou de acordo. Precisamos de gente nova, precisamos de famílias jovens para repovoar Portugal, mas precisamos também de ideias e valores outros que não aqueles que actualmente comandam a vida e em que os filhos aparecem como a última prioridade de um jovem casal.

A abertura de uma escola internacional alternativa no Portugal mais profundo, no concelho mais idoso do país, é um sinal claro de que não estamos condenados ao desaparecimento. Muitas vezes tem sido dito e repetido que temos excelente qualidade de vida, que vivemos numa das zonas mais tranquilas e seguras do planeta, que temos infraestruturas de primeiro mundo, redes óptimas de telecomunicações, vias rodoviárias invejáveis, um sistema nacional de saúde cotado entre os melhores do mundo, um bom sistema de ensino. Temos tudo à excepção de gente. Assim, é normal, repito, é normal que estrangeiros apreciem aquilo a que em Portugal ainda não sabemos dar o devido valor e no mundo actual é o novo e verdadeiro luxo. O luxo velho, jóias, carros, canetas, roupas, são hoje bens de consumo cada vez mais massificados. Ora o maior luxo hoje, o mais difícil de conseguir é o luxo novo, constituído pelas necessidades básicas do ser humano: terra, ar e água. Volto a dizer o que escrevi há mais de vinte anos, aliás na senda da distinção entre luxo velho e luxo novo de Hans Magnus Henzensberger: O maior luxo é hoje o espaço físico, casas amplas, jardins, hortas, quintas. A terra não se fabrica nem se multiplica, apenas se compra e vende a que já existe e sempre existiu. A par da terra há o ar e a água. São necessidades que ninguém pode dispensar, mas o que importa aqui destacar é a qualidade do ar e da água. Gozar ar puro, não poluído, é

hoje um bem raro. Ter água em quantidade e em qualidade é um bem inestimável, tal como sentir o silêncio da natureza e da noite é, no fim de contas um acto de liberdade. Cito aqui François Mitterand: A liberdade, no fim de contas, não é senão, para cada um, a posse do silêncio.

A UBÊl deve acompanhar e estimular as alterações sociais e contribuir para a valorização do território da Beira Interior como espaço natural, sem poluição, propício a todos os que procuram verdadeiramente a qualidade de vida e dispostos a ensaiarem novas formas de vida, com menos consumo e menos stress, em que a partilha de recursos é normal e comum, e, portanto, a formas de vida sustentáveis, ambientalmente, económica-mente, socialmente, culturalmente e espiritualmente.

Obrigado a todos pela atenção.